

A caricatura

Georg Simmel

*Tradução do italiano: Adriana Pucci Penteado de Faria e Silva**

O homem nasceu para superar os limites. Uma essência divina deveria ser incapaz de ultrapassar as próprias fronteiras, justamente porque a infinidade não as tem. O animal, por motivo oposto, é incapaz de fazer essa ultrapassagem, pois se mostra fechado em suas barreiras, que são definitivas. Porém, cremos poder ampliar infinitamente as fronteiras dentro das quais, de tempos em tempos, vemos que o homem é limitado. Acreditamos também que tais fronteiras se destinam a ser violadas a cada instante. Essa é a verdadeira constelação da nossa essência: o fato de sabermos-nos limitados em nossas qualidades e em nosso pensamento, tanto em nosso valor positivo como naquele negativo, em nossa vontade e em nossa força – mas, ao mesmo tempo, de sentirmos ter a capacidade e a exigência de olhar mais adiante e de ir além.

Esse traço profundíssimo decide infinitas vezes o modo pelo qual formamos nossas imagens de homens, coisas e acontecimentos que nos são externos. Estamos convencidos teoricamente de que tudo tem contornos nítidos, dentro dos quais cada parte possui uma mesma realidade e, portanto, os mesmos direitos. Mas, assim que nos encostamos no elemento singular, como seres concretos em relação com objetos concretos, assim que recolhemos, de algum modo, esses objetos em nossa própria vida, desaparece a uniformidade interna das

* Doutoranda LAEL – PUC-SP/bolsista do CNPq; appucci@uol.com.br

imagens. Ora, em cada uma delas, contam para nós determinados elementos, outros nos são indiferentes, a alguns dedicamos muita atenção, outros rapidamente abandonamos; e o saber que tais luzes e sombras fazem brotar, apenas a partir da visão de nossa alma, não impede que o todo sofra um deslocamento de seus elementos e que seja, diferentemente daquela uniformidade de acentos existente no princípio, articulado em relação a um centro essencial, com apêndices mais ou menos significativos, às vezes chegando até mesmo a desaparecer. Já o fato de que tantas partes fiquem em segundo plano significa que aquelas mantidas em evidência e acentuadas sejam potencializadas além da medida de valor que lhes cabe na ordem objetiva das coisas. A escassa homogeneidade interna de nossa vida, a força e a fraqueza do processo orgânico em nós, os nossos impulsos e sensações, tudo isso se reflete inevitavelmente no mundo objetivo das coisas, no qual tudo se submete à mesma lei da necessidade, como o exagero de certos traços, como uma medida excessiva que desloca unilateralmente as fronteiras da totalidade.

Conferimos às coisas aquele papel de superar os limites que nós mesmos personificamos. Assim que uma forma é alcançada, o curso da vida leva para além dessa forma, transforma o equilíbrio objetivo no ser das coisas pela intensificação excessiva de um traço, o deslocamento unilateral de um ou de outro limite. Aliás, com base em uma lei mais íntima de nossos movimentos espirituais, o excesso parece alinhado com nossa essência. Cada via do sentimento ou da vontade que experimentamos e cada pensamento com o qual traçamos uma diretriz através do furacão caótico das coisas poderia ficar abandonado a si mesmo, continuando na sua própria direção até o infinito; o ardor do desejo humano não exprime nada além dessa propriedade universal de nossos impulsos, de nossas máximas e das nossas paixões de se tornarem, para si mesmos, absolutos, aliás, de ser propriamente algo de absoluto. Todavia, sua extensão alcança apenas uma medida finita, não apenas porque, ao final, a força permanece atrás da intenção, mas também porque eles (impulsos, máximas, paixões) oferecem obstáculos uns aos outros. Como nosso espírito tem a faculdade de elevar-se acima dele mesmo, sabemos bem que a nossos princípios mais radicais, aos impulsos e sentimentos que nos preenchem completamente, coloca-se, em certa medida, um limite por sua ideia e pela própria natureza das coisas. Mas cada

impulso assim estabelecido, uma vez que adquire consciência, quer desenvolver-se ilimitadamente, seguindo, por assim dizer, a lei da inércia, e somente um encontro com um impulso oposto o retém, frequentemente apenas depois que superou, e muito, o limite objetivamente razoável. Quanto mais inculto é o homem, ou seja, quanto menor é o conjunto de seus motivos, ideias e interesses, tanto maior o espaço livre que a dilatação de um desses itens encontra e tanto mais ele será inclinado ao excesso. Podemos constatar isso, sem dúvida, na criança, nos povos primitivos e nos extratos mais primitivos de cada nação, e até nos sonhos quando sentimos uma pequena lesão cutânea como uma queimadura provocada por chumbo derretido e quando o livro que cai soa como um tiro de canhão.

Se o excesso é um traço arraigado em nossa própria natureza psíquica, encontra também uma aplicação consciente e acabada na caricatura. Ela certamente não significa um excesso qualquer – porque nem todo o excesso é caricatura. Acontece com frequência o exagero unilateral, de um só elemento, num ser que equilibra em si uma pluralidade de traços e que, mediante sua recíproca delimitação, os leva a uma unidade. De fato, é necessário que as medidas naturais da realidade ainda estejam perceptíveis na figura, que a unidade do todo, ainda que despedaçada, não seja simplesmente perdida. Um exagero que atingisse todos os aspectos não seria uma caricatura. De fato, mesmo se a caricatura consistir no fato de o corpo de um homem ser aumentado até que fique gigantesco, com todas as suas proporções mantidas, o efeito caricatural subsiste apenas quando, apesar de tudo, sua personalidade espiritual continua a ser sentida como se houvesse permanecido nas dimensões habituais. Nesse caso, o único traço exagerado unilateralmente é aquela total exterioridade; e a comicidade ou a causticidade da caricatura provêm do contraste com uma adequação de relações e com uma unidade que se mostram ainda operantes, de alguma maneira. A premissa de qualquer caricatura é a unidade da personalidade, aquilo que, depois de ter-se cindido na pluralidade das qualidades, dos movimentos e das experiências vividas, apresenta-se como sua proporção determinada. Não se trata, naturalmente, de uma proporção matemática estabelecida de uma vez por todas, mas de uma relação estritamente variável, na base da qual a cada saliência de um elemento corresponde a reentrância do outro, até que, através do recíproco jogo harmônico

das qualidades, é justamente produzida e mantida a unidade do todo. A caricatura surge quando uma medida extrema não encontra em outros elementos uma quantidade igual ou, de qualquer maneira, capaz de contrabalanceá-la, e sem preocupar-se com os outros, cristaliza-os numa estrutura durável, destruindo a unidade, idealmente presente ou solicitada, da imagem agrupada.

O que forma a caricatura não é uma única falta de medida em si e por si mesma, mas a falta daquele nivelamento, daquele jogo contínuo de construção e destruição, no qual se realiza a unidade da medida e do processo de vida; surge como o ser rígido e definitivo dos extremos, como fixidez de uma relação não conciliada entre a parte e o todo. É isso que a caricatura faz sentir como deformação, como destruição da forma da vida enquanto tal. A caricatura cordial ou humorística não realiza completamente o conceito, fica no meio do caminho, por assim dizer, quando faz desencadear apenas momentaneamente aquele processo de equilíbrio que, todavia, como promessa da reintegração à totalidade, continua ser perceptível atrás da atual desproporção. O terrível da caricatura, que aparece em Aristófanes e Cervantes, em Daumier e em Goya, é justamente a dureza e a inconciliabilidade com as quais o excesso do traço singular quebra a unidade do Eu e proclama que essa deformação é sua forma durável, que é, por assim dizer, sua normalidade, ou, melhor ainda, apenas desse modo faz disso uma deformação.

Justamente isso diferencia a caricatura da acentuação artística do caráter. Se o dramaturgo ou o escultor exprimem um traço do caráter ou um afeto de uma forma intensa e absoluta que a experiência do real não apresenta, eles, ao mesmo tempo devem nos fazer sentir a universal grandeza existencial da personalidade à qual pertencem. Apenas com tal pressuposto essa intensificação unilateral não é desproporcionada, é toda a atmosfera da obra de arte, que deve ter aquele caráter de *exagero* sem o qual, como afirma Goethe, a realidade raramente é digna de ser narrada. Apresenta aqui um significado profundo daquilo a que chamamos estilização: que a vida, representada como realidade, é transformada e remodelada segundo aquelas dimensões em que o *exagero* do traço singular, que agora é temático, pode aparecer sem despedaçar a unidade harmônica, a validade do caráter do fenômeno em sua totalidade. Quando, ao contrário, como no *Avarento* de Molière, isso acontece onde uma paixão

superior ao normal é introduzida numa vida que, sob todos os outros aspectos, permanece pequena e comum, eis que surge de súbito uma caricatura; já a dimensão gigantesca dos crimes de Ricardo III não tem nenhuma nuance caricatural, porque apesar de tudo ele continua a ser uma grande personalidade na qual até o excesso de uma orientação unilateral encontra espaço adequado. É claro que uma inadequação de tal relação não se traduz necessariamente em caricatura: traduz-se como fenômeno trágico, frequentemente, o fato de existir um traço desmesurado, bom ou mau, ou uma gigantesca paixão em um homem que, de resto, está ligado ao empirismo barato, que não está à altura daquele traço ou paixão. Mas isso – ser um fenômeno trágico – acontece apenas se esse estreito limite da existência como um todo é despedaçado ou sofre a ameaça de ser despedaçado por essa unilateralidade excessiva. Se o homem, num ponto singular, supera, por assim dizer, a si mesmo, mas sente tal superação como uma exigência dirigida à sua totalidade para que desloque os próprios limites na direção do externo, até que essa exuberância, essa contínua superabundância possa se encaixar nesses limites – e se, todavia, tal exigência não é satisfeita, se os limites são violados, mas não ampliados, e a transgressão permanece como uma grandeza excessiva em relação ao todo da personalidade, permanece como algo de excessivo, então temos o trágico.

Aqui se mostra uma escala das grandes categorias humanas. Falamos simplesmente de um homem grande quando a superação unilateral dos limites tipicamente humanos se finca numa força fundamental do indivíduo, ampliando a totalidade do ser que há nessa força até alcançar dimensões correspondentes – se não nos termos da sua realidade, ao menos tendo como base seu sentido – e fazendo da contínua ruptura dos seus limites ainda existentes a fórmula da harmonia da vida. Mas um excesso verdadeiro existe, todavia, também quando a personalidade gostaria de voltar a desenvolver-se tendo como critério a dimensão excessiva de um de seus lados e se quebra por causa da impossibilidade de realizar esta exigência, ou quando os seus limites são demasiadamente frágeis para uma ampliação harmônica, mas não suficientemente fortes para rechaçar completamente tal ampliação. Temos, então, um tipo trágico. Quando, enfim, encontramos aquilo que é demasiado muito próximo daquilo que é demasiadamente pouco, ou próximo de uma média que se mantém de

forma muito restrita dentro dos próprios limites (o que por fim parecerá sempre muito pouco sem que haja, de certa forma, uma preocupação com essa transgressão), eis que o homem virou caricatura.

Não separei essa caricatura espontânea do ser da caricatura intencional, das artes figurativas ou da literatura. E, realmente, num sentido profundo, elas são uma coisa só. De fato, quando a representação do homem conduz a um exagero assim unilateral, o sentido pretendido é o seguinte: você está realmente na realidade como aparece aqui, em uma realidade intencional. Apenas onde a vontade do caricaturista não é posta como arbítrio, apenas onde a deformação criada se apoia, com o necessário simbolismo, na visão interna dos contornos do objeto da caricatura, por mais irreal que possa aparecer externamente – somente então a caricatura *tem êxito*; a caricatura artística convence quando também o ser é já uma caricatura – de outra forma, deveria convencer do quê?

Aqui há a influência de um traço que compensa, de maneira útil, algumas insuficiências do nosso conhecimento, por mais que esse traço pareça hostil justamente aos fins de verdade que o conhecimento se propõe. Muito frequentemente, por causa da escassa acuidade de nossa visão, esconde-se um lado, uma propriedade de um fenômeno, porque ela está misturada de modo indistinguível no quadro da totalidade do fenômeno, ou está recoberta por algum outro traço, que parece dominante. Percebemos tal elemento escondido apenas sucessivamente, quando se revela um fenômeno similar, pelas maiores dimensões e pela intensidade acrescida. Então, nosso olhar orienta-se conscientemente na direção das modalidades e do conceito desse elemento negligenciado, de modo que ele pode revelar-se a nós mesmo naquelas medidas mínimas. Da mesma forma, às vezes conseguimos entender um homem porque uma característica que se destaca em seu irmão nos permite pressupor sua presença nele de forma atenuada e de modo mais escondido, evidenciando pela primeira vez sua natureza. A isso corresponde o objetivo da caricatura intencional: é a lente de aumento que torna visível aquilo que, num primeiro momento, a olho nu, não conseguimos ver, mas que se torna acessível uma vez que o aumento nos tenha mostrado o que procurar e onde procurar. Assim, podemos dizer que a caricatura artística é uma caricatura de segundo grau: exagera, mais uma vez, o exagero presente no ser de seu objeto, tornando-o assim absolutamente visível. Este

objetivo impõe uma medida à sua desmedida – como imagem literária ou das artes figurativas, não pode ultrapassar a linha de demarcação que inscreve o exagero real, o ser-caricatura do malsucedido, na consciência de quem o percebe. De fato, o próprio exagero pode ser exagerado, e se sentimos que uma caricatura sofre de *falta de medida* – se bem que caricatura signifique, em essência, falta de medida – isso não depende da grandeza em si que sofre a intensificação da unilateralidade de seu conteúdo, mas do fato de essa grandeza se estender para além do fim que deve ser atingido, de modo que a proporção psicológica entre a desproporção caricatural do original e a desproporção da caricatura está errada.

Voltando ao início de nossas considerações, cada caricatura refere-se sempre a um fenômeno individual; se é possível que exista uma caricatura geral, ela diz respeito àquele traço fundamental da nossa natureza humana: o fato de superarmos limites. É assim que vive o instinto do perigo, em cujas margens o espírito vagueia, superando continuamente limites também continuamente estabelecidos. Enquanto a caricatura concreta se apresenta como uma superação ulterior e uma nova delimitação das fronteiras de um original que em si já é caricatural, como categoria coloca-se além de cada objeto particular até nos fazer sentir, pelo excesso, o risco, que nos ameaça continuamente, de cairmos no excesso unilateral. O elemento orgânico, todavia, é – e nisso consiste seu verdadeiro segredo – *forma impressa, que se desenvolve vivendo*.

Como pode aquilo que *foi forjado desenvolver-se* ulteriormente, o que quer dizer forma, se não permanece por certo período de tempo, mas é mutação que não para nunca? É esse, sendo ou não compreendido, o fenômeno originário cuja mais elevada manifestação humana e espiritual eu defino como nossa essência, eternamente voltada a superar os limites. A cada instante parece atestar-se solidamente alguma forma, algum conteúdo, mas logo, através dele e para além desse, irrompem forças internas destruindo aquilo que nos parecia estabelecido definitivamente, produzindo perturbação e desequilíbrio: apenas a compensação orgânica, através de um novo crescimento e de uma nova adaptação da totalidade, parece ser uma possível solução para a contradição. Mas se essa compensação falha, estaticamente ou funcionalmente, se essa transgressão, esse ir além dos limites, solidifica-se isoladamente, temos a caricatura real. E se a imagem

caricatural é produzida voluntariamente, o perigo do excesso, que é a atmosfera de um ser que viva entre desenvolvimento e forma solidamente impressa, é deslocado apenas no caráter conscientemente acentuado de uma nova desmedida: no momento em que o excesso ergue essa forma criada acima de qualquer realidade, o próprio fato de ser tomado como princípio revela o quão profundamente está arraigado no fundo metafísico de nossa natureza.

* Original: SIMMEL, G. La caricatura. In: *Il volto e il ritratto. Saggi sull'arte*. Trad. L. Perucchi. Bologna: Il Mulino, 1985. p. 63-70.